

Oposição unida contra carlistas

Arlete Salvador

Enviada especial

Salvador — O PMDB baiano cutucou a onça ao lançar oficialmente os nomes dos dois pré-candidatos ao governo do estado em 2002, os deputados federais Geddel Vieira Lima e Benito Gama, em um dos redutos eleitorais do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL): Jequié, 200 quilômetros de Salvador.

O lançamento aconteceu há duas semanas, mas até hoje o pefelista ainda não engoliu a desfeita. Demonstrações de atrevimento como essa — fazer campanha nas barbas do político mais importante da Bahia — fazem parte do que alguns adversários de ACM chamam de “agenda de enfrentamento”. Trata-se de uma série de estratégias para vencer o carlismo nas eleições do ano que vem. Carlismo é o nome

dado à estrutura de poder eleitoral que garante ao senador a hegemonia na política do estado. O momento é considerado crucial para as oposições. O envolvimento na violação do painel eletrônico do Senado deixou ACM numa posição, no mínimo, vulnerável na Bahia.

“Não temos dúvidas de que esse episódio terá influência na eleição”, afirma o presidente estadual do PT, Josias Gomes da Silva. “O jogo político ficou um pouco mais equilibrado”, entende o peemedebista Benito Gama.

É preciso fazer uma distinção importante entre essas duas vozes do anti-carlismo. Elas representam forças políticas diferentes no estado, que ora se juntam e ora se separam. O PT representa uma oposição histórica, formada por políticos com origens em movimentos de esquerda, como o PC do B. O PMDB

originou-se no próprio carlismo. Essa oposição acredita que agora é o melhor momento para uma reação contra o poder de ACM no estado.

CHANCES AMPLIADAS

Quando se trata da disputa para o governo do estado, a oposição vai para as urnas dividida, pelo menos no primeiro turno. Cada grupo deve ter o seu próprio candidato. Mas a idéia é ter apenas dois candidatos da oposição, para aumentar as chances de um segundo turno. O cenário mais provável é que o PT tenha um nome, coligado com outros partidos de esquerda, e a centro-direita, outro. “O ambiente político na Bahia é muito diferente daquele de quatro anos atrás”, entende o deputado federal Walter Pinheiro, do PT.

Nesse tempo, ACM perdeu

boa parte das condições políticas que o favoreceram. Rompeu com o presidente Fernando Henrique Cardoso, perdeu os dois ministros no governo e cargos em estatais poderosas, como Petrobras e Eletrobrás. Também perdeu o apoio do PMDB e do PSDB e do jornal *A Tarde*, um dos dois mais importantes do estado, ao lado do *Correio da Bahia*, que pertence à sua própria família. Perdeu ainda o filho Luís Eduardo Magalhães, vítima de um ataque cardíaco, um dos responsáveis pela estrutura eleitoral montada em 1994.

Na época, 70% dos votos do estado foram para o grupo carlista. “Hoje, já dá para pensar numa divisão de 60% para o carlismo e 40% para a oposição”, calcula um parlamentar da oposição. “Não é o ideal, mas já dá para enfrentar ACM com chances de vitória”. Além disso, o PT

venceu as eleições municipais do ano passado em quatro cidades tradicionalmente carlistas, três delas estão entre as dez maiores do estado. “Todos esses elementos, aliados ao desgaste com a história do painel do Senado, fazem diferença agora”, afirma Josias, o presidente estadual do PT.

No grupo carlista, a resposta à euforia oposicionista é uma pesquisa de opinião concluída pelo Ibope no início de abril com a intenção dos votos dos baianos para a próxima eleição de governador. Na pesquisa estimulada, em que o eleitor é confrontado com uma lista de nomes, Antonio Carlos Magalhães lidera a corrida disparado. Tem nada menos que 74% das preferências. Além disso, lembram, dos 415 municípios baianos, o grupo carlista está na prefeitura em 390.